

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Baixada Fluminense e as “ilhas de contato” da Globalização: a Territorialidade do Ciberespaço nas Regiões Marginais

Sidney Cardoso Santos Filho*

Resumo

O aprofundamento do processo de globalização forja modelos sociais que permitem um novo repensar das dinâmicas sociais, implicando novos paradigmas e forçando um novo método de inclusão. O caminhar dessa lógica globalizadora nos permite olhar de um novo modo para os lugares e perceber as dissonâncias geradas por uma evolução desigual. As marcas deixadas por este processo se manifestam nos mais variados modos, como é o caso do crescimento potencial das “Lan House”, verdadeiras *ilhas de contato* desse novo espaço de relacionamento, Ciberespaço. Neste sentido, é proposto o entendimento de proliferação deste “pontos” nas regiões marginais, entendendo seus mecanismos de manutenção de suas ações sobre os lugares.

Palavras-chave: Globalização, Ciberespaço, Áreas marginais.

Abstract

The deepening globalization process invents social examples that permit to reconsider news social dynamics, implicated news paradigms and forcing as new method os inclusion. The walking os this logic globalization can let us see a place with another eyes and permit to see the difference generated by unequal evolution. The mark left this process are manifested in very distincts modes as the case of the Lan House potential growth, like “contacts islands” in this new relationship space, cyberspace.

In this way, is proposed an ability proliferation in these regions, understanding their proliferation mechanism and the actions supports in this places.

Key words: Globalization, Cyberspace, Marginal Areas.

* Pós-graduando em Geografia do Brasil pela CEPEA/FEUDUC, membro do Núcleo de Estudos Geográficos da Baixada Fluminense (NEG-BF/FEUDUC), professor do Estado e Tutor do curso de Extensão de Geografia do CEDERJ. E-mail: sidgeo@hotmail.com. Recebido para publicação em 05/05/2005. Aceito para publicação em 06/06/2005.

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Considerações preliminares

O espaço urbano contemporâneo, descrito, modificado, reconstruído é uma síntese de um acúmulo dos tempos, sob a ação do capital dinâmico. Ordenado *hoje* aos moldes do processo de globalização. Dentro dessa imensa engrenagem fragmentada e global, construindo e des (construindo) os espaços aos comandos do novo, mesmo que ainda velho¹, numa batalha, sob o olhar das formas espaciais quando se percebe as formas e as estruturas com bem explica (SANTOS, 1998) na análise da “Forma, Função, Estrutura e Processo” de um elemento no espaço. Re-configurando o espaço numa nova dinâmica, com novos atores, mesmo que ainda, subjetivos a algumas Ciências, mas em relação à ciência geográfica nos é pertinente aos conceitos, que nos permite pensar a evolução das estruturas que interagem na organização do espaço.

Então, dentro desta contemporaneidade avistamos o objetivo da ação do Capital, dentro de uma lógica "Digital", um novo encaixe da globalização. Esses novos “encaixes”, que nos permite viver com novas sensações e novas relações, expressadas na fluidez dos fatos, dos momentos que se convergem, indicando novos patamares de relações em um plano extramaterial, ou “virtual”.

Assim para melhor entendermos SANTOS (2000, p.83) descreve que “*Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas de informação, e de uma fluidez efetiva (...) Por conseguinte, de maior fluidez, que o mercado globalizado procura instalar a sua vocação de expansão*”, desta forma esta fluidez se insere na dinâmica do espaço, atuando como uma extensão, desse processo globalização, que sendo assim, tem levado o espaço a mudanças visíveis, com o advento de *outras*, ou sendo descrita, também como, “novas²” estruturas, mencionadas como “Lan House” que repousam no espaço, remonta-o, com aplicabilidade as suas conexões ao Ciberespaço, descrevendo-se assim como verdadeiras “ilhas de contato”, exemplo de novo elemento sócioespacial, que remodela uma nova realidade social, em um novo espaço de relacionamento.

¹ Tratemos como velho da mesma forma que Milton Santos (1988) fala de rugosidade, que seriam marcas do passado que persistem no presente.

² Tratemos como nova, as estruturas as que se diferenciam historicamente das demais, sob a aceitação do novo.

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Novas realidades sócioespaciais

As mudanças sociais que ocorrem no espaço local, realizar-se frente às mudanças do cotidiano da sociedade, que influenciada pela universalização do capital trouxe ao espaço, organismos de entrada a está nova conjuntura socioeconômica, onde multiplicação do espaço, e a multiplicidade do tempo implementam a uma nova realidade sócioespacial, conhecida como Ciberespaço³, abordado como uma extensão, um reflexo do próprio espaço. Como assim descreve (Silva) *“As transformações entre relações sociais e forças produtivos, no seu movimento dialético e historicamente determinado, implica constante mutação. Desta forma, o ciberespaço deve ser compreendido como projeção de um espaço geográfico constituído de um sistema de objetos e ações que caracterizam a chamada sociedade informacional dos dias atuais. Isso significa que o núcleo é o espaço e não ciber”*.

A ponto de dinamizar, desmistificar e pluralizar, com o que era uma promessa tecnológica, desencadeada pela Terceira Revolução Industrial, que *hoje*⁴ revoluciona as formas de viver, Universalizando os diversos tipos de *cultura*, *“Com o advento de uma sociedade mundial, também o espaço se tornou mundial”* SANTOS (2004, p.43), desse modo, pensar na sociedade é pensar a própria sociedade como um sistema de ações sociais que se refletem no espaço

Cabe salientar que as mudanças sociais implícitas no dia das cidades abrigam à superposição de valores atualmente diferenciados e intensificados nas ultimas décadas. Exemplo de uma nova postura social, onde o fluxo das relações, são ampliadas com uso da técnica, associado a aparição da Internet, desenvolvida após a Terceira Revolução Industrial, que acelera e potencializa os fluxos em rede, descreve, então, novas comunidades, novas relações, (re)definindo conceitos, aflorando uma outra sociedade.

³ Ciberespaço vem do inglês *Cyberspace*, que significa “espaço de controle”. Para um melhor esclarecimento, consultar a dissertação de Mestrado de Michéle Tancman Candido Silva.

⁴ Citamos hoje como sendo o mundo contemporâneo que conhecemos.

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

A aparição das “Lan House”

As “ilhas de contatos⁵”, caracterizados pelas “Lan House” organismos espaciais de entrada no Ciberespaço, estão se tornando objetos comuns na Baixada Fluminense⁶, que por sua vez, atende como uma região marginalizada, fruto de subdesenvolvimento capitalista, onde a sua ocupação acontece mediante ao processo de valorização das áreas mais próximas a Cidade do Rio Janeiro, desencadeando uma ocupação das regiões mais afastadas da Metrópole ocupadas por grupos menos favorecidos de um capital “dinheiro”.

Vestígios que vão impregnar a região de uma população socialmente excluída. Raízes de um processo histórico que afirmam no espaço, que se reproduzem até século XXI, caracterizando assim, diante desse patamar, podendo então, traçar um breve diagnostico da região, vislumbrando um limitado e vulnerável potencial socioeconômico, dando a mesma um padrão periférico observado em todos os municípios da Baixada Fluminense, mas sabendo que está realidade é distorcida quando observamos a concentração de renda de uma minoria dessa população que ocupa uma pequena porção desse território, em geral em áreas privilegiadas, de infra-estrutura urbana, e próximas aos distritos centrais de cada município.

A dinâmica excludente da região fez com que organismos de inclusão a lógica capitalista se inserissem no espaço, chamados “Lan House”, formas como uma estrutura vinculada a um grande aparato tecnológico: com computadores ligados em rede, modelagem está que da nomenclatura a estes espaços “Lan House” ou seja, “casa da rede”; e rápida conexão, que serve para conectar-se ao Ciberespaço, uma ação descrita e comandada pelo capital “dinheiro”⁷, acessível ao potencial econômico dos indivíduos dessas áreas marginalizadas. Estes locais promovem um formato “teen”, evidenciado pela aparência da estrutura interna, um modelo alternativo de diversão que configura nas formas, uma atratividade interativa juvenil um novo local de “bate papo”: um ambiente levemente escuro, néon, com número médio de 20 máquinas, funcionando com Internet e jogos em rede, expressões que ajustam à maioria de seus usuários, sobretudo jovem.

⁵ Referente aos locais que fornecem contato com o ciberespaço, sob uma especulação capitalista.

⁶ A noção de Baixada Fluminense abordada no texto, é o estabelecido pelo SEDEBREM, agrupando treze municípios do estado do Rio de Janeiro. Segue em anexo um mapa da região.

⁷ Referente ao capital, a moeda vigente no País.

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Instrumentos que buscam atender a nova dinâmica capitalista, assim oferecem a esta sociedade excluída pelo capital, a entrada ao universo do Ciberespaço. As “Lan House” objetivada pelos lucros, obtida com pagamento das horas de acesso na entrada do Ciberespaço, justificam o modelo capitalista e transformam esses espaços em verdadeiras “ilhas de contato” ao mundo globalizado. Esses espaços proliferam, devido à ausência de uma infra-estrutura, econômica e técnica, que proporcione a esta sociedade uma culturalização digital, mas é em parte desenvolvida através das “Lan House”. A relevância tomada pelo Ciberespaço no atual modelo socioeconômico intensificou o número de usuários desse novo espaço e os impõem um grau de instrução tecnológica cabível para o manuseio dessa nova tecnologia. Essas atitudes vieram em conjunto com a proliferação das “ilhas de contatos”, que por via de regra, acontece sob a união desses dois fatores: instrumentalização⁸ e ausência de uma infra-estrutura de acesso.

Uma breve conclusão

A dinâmica social é sempre imbuída de contrastes, sejam culturais ou econômicos, que refletem no espaço a sua dinâmica. Dessa forma, as modificações remodelam o espaço com novas estruturas, que assumem aparências *diferentes*, adicionando modelos pertinentes, ao contexto da Globalização. Frente a essa nova realidade, sobrevêm alguns questionamentos, Tais como:

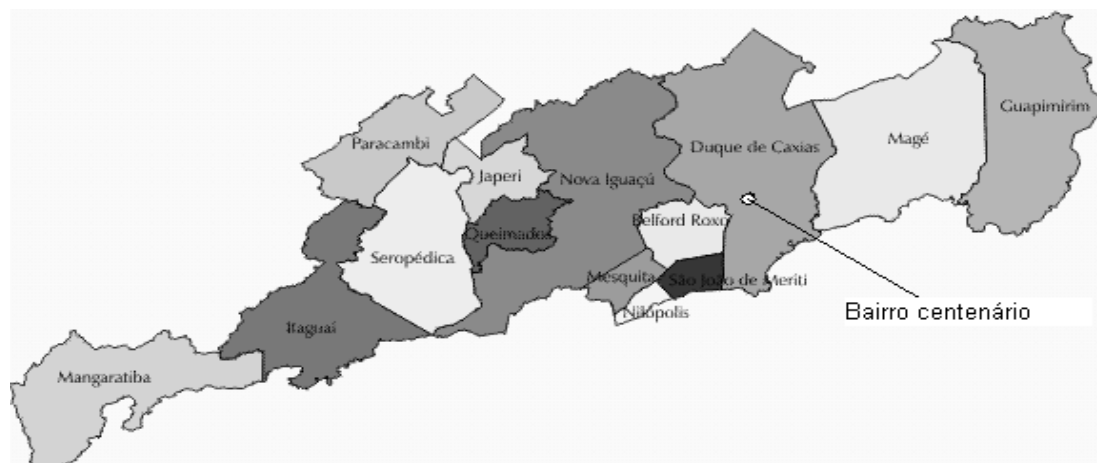
- Quais atores são responsáveis pela “Inclusão” Digital da sociedade da Baixada Fluminense?
- Estas “ilhas de contatos” estão promovendo uma nova *cibercultura*?
- De que forma os conteúdos, troca de informações deste espaço de fluxo caracterizado pela “Lan House” tem contribuído para a população local?
- Que alterações o espaço da Baixada vem apreciando com esses novos atores?

Antes de Tudo, espera-se que estes questionamentos sirvam para o despertar de reflexões a cerca da organização espacial da Baixada Fluminense e seu enquadramento no cenário capitalista. Por tanto, a proposta desse artigo vem para que posamos pensar, acerca das modificações que sofrem o espaço e a sociedade da Baixada Fluminense, e assim sendo, entendermos por qual caminho a Globalização conduz.

⁸ Tratemos como um conjunto de técnicas ligadas a informática (software e Hardware).

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Mapa da Baixada Fluminense estabelecida pelo CEDEBREM.



Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. A Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INPLANRIO/ZAHAR, 1988.

CORREA, Roberto LOBATO. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 1993.

PIRES, Hindenburgo Francisco. Estruturas Virtuais de Acumulação e Cibercidades. Scripta Nova - REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES, Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98Vol. VIII, núm. 170 (59), 1 de agosto de 2004.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Editora Hucitec, 1993.

_____. Metamorfoses do Espaço Habitado. Rio de Janeiro: Editora Hucitec, 1988.

_____. Pensando o Espaço do Homem. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Michéle Tancman Cândido. A (Ciber) Geografia das cidades digitais. Niterói: UFF, Tese de Mestrado, 2002. Disponível em <http://www.tamandare.g12/cidadedigital>. Acessado em 16/06/2005.